

SALMO EM AÇÃO DE GRAÇAS POR LIVRAMENTO

Jonas capítulo 2

A oração de Jonas no ventre do grande peixe é um dos grandes exemplos do conflito entre fé e razão. Esta oração de fé, embora sem paralelos nas suas circunstâncias, e maravilhosa na sua profunda espiritualidade, contém os mesmos princípios que devem estar presentes nas orações singelas de todos os crentes. A oração de Jonas, e as orações de cada um de nós, especialmente nas circunstâncias mais críticas de nossas vidas, devem espelhar-se em Abraão, conforme a citação de Rm 4.18: *“Abraão, esperando contra a esperança, creu...”*.

As aparências, por vezes, contradizem todas as esperanças. As simples realidades em torno de Jonas anulavam suas mais tênues expectativas. Tivesse sua esperança se baseado na lógica, na razão, na natureza, no tempo ou em qualquer outro fator ou circunstância, ele teria afundado para sempre. Mas ele creu em esperança, sem compreender, sem questionar, ele apenas creu. Tão claramente ele creu em esperança, que a fé anulou a capacidade que a lógica e a razão têm de destruir a esperança: ‘Contra a esperança ele creu em esperança’. Essa é a vitória que a fé tem de alcançar, em meio a toda a sorte de incidentes, eventos, circunstâncias, influências, poderes e tudo o mais que for adverso ao nosso livramento e salvação.

1. No início de sua oração Jonas clama ao Senhor em angústia de forma genérica (Jn 2.1a). Então especifica essa angústia gritando a partir do que ele chama de *‘ventre do abismo’* (Jn 2.1b). Em 2Sm 22.7 e Sl 18.6, Davi se expressa de forma semelhante referindo-se ao livramento das mãos de Saul e de seus inimigos. Com a mesma expressão tem início o Salmo 120. O Salmo 130.1 e Lm 3.55, registram a mesma idéia de Jonas em gritar das profundezas. A seguir, descrevendo mais precisamente o seu infortúnio ele diz: *“Pois me lançaste no profundo, no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou; todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram por cima de mim”* (Jn 2.3). As expressões profundidade, ventre do abismo, fundamentos dos montes, etc. referem-se à idéia de *Sheol*, a morada dos mortos, pois assim é que Jonas

estava se sentindo, excluído da presença de Deus (Jn 2.4a), mesma idéia de Davi no Salmo 31.22: “...estou excluído da tua presença”. Como se tudo isso não bastasse, Jonas continua na sua descida, de abismo em abismo, como no Salmo 42.7: “*Um abismo chama outro abismo, ao fragor das tuas catadupas; todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim*”. As palavras que expressam o sentimento final de que tudo acabou da pior forma possível são as que estão registradas no verso 6 do cap.2 de Jonas: “*Desci até os fundamentos dos montes, descí até à terra, cujos ferrolhos se correram sobre mim, para sempre;...*”.

2. Até esse momento, quando começa a deslumbrar um fio de esperança, contra toda a esperança, Jonas não externou nenhum sentimento de amargura ou lamentação pelo que lhe estava acontecendo. Todas as agruras que lhe ocorreram, foram encaradas por Jonas como vindas do Senhor, e não por mero acidente, fatalidade ou alguma outra causa senão pela própria mão do Senhor. Assim é que não esboçou qualquer tentativa de se defender lamentar ou murmurar acerca dos acontecimentos. Simplesmente silenciou, calou-se a respeito. Apesar de profundamente dolorida para ele a experiência, reconhecia sua origem no próprio Deus: “... (tu) me lançaste” e “...as tuas ondas e as tuas vagas...” (verso 3). No Salmo 39, verso 9 Davi age da mesma maneira quando, reconhecendo como vindo de Deus o seu flagelo, disse: “*Emudeço, não abro os lábios porque tu fizeste isso*”. A ausência de murmuração em Jonas naquele momento, o leva a expressar-se: “...lançado estou de diante dos teus olhos;” (Jn 2.4) e “...dentro de mim, desfalecia a minha alma,...” (Jn 2.7). Interessante é notar que antes, a iniciativa de fugir da presença do Senhor foi de Jonas, que o fez com bastante disposição. Agora, se sentia excluído da presença de Deus e completamente desanimado! Começava então a se lembrar de que “...na tua presença há plenitude de alegria,...” (Sl 16.11).
3. O ponto de inflexão nesse conflito entre fé e razão, se dá quando, no verso 4 Jonas diz: “...lançado estou de diante dos teus olhos; tornarei, porventura, a ver teu santo templo?”. Este é o instante da meia volta! Foram três dias e

três noites no ventre do peixe. É provável que este momento tenha ocorrido quase no fim do período, que de alguma forma podemos chamar de 'deserto', tempo necessário para que Jonas caísse em si, pois logo depois do fim da oração, pela intervenção de Deus, Jonas volta a ver a luz do dia. Quando Jonas começa a orar, ele não ora simplesmente a Deus, "...orou ao SENHOR, seu Deus," (Jn 2.1). Ele não tinha aberto mão de seu relacionamento pessoal com Deus. Sabia que estava debaixo da ira de Deus, e com razão, mas ainda assim clamou e gritou e pode perceber que Deus não somente o ouviu, mas também respondeu (Jn 2.2). Na realidade, a aflição constrangeu Jonas a orar. Não de maneira formal, insensível e artificial. A necessidade e a angústia o levaram a procurar uma nova abordagem na oração. Plena confissão, busca de reconciliação, um apelo por um toque do poder de Deus. A sua oração tornou-se real. A verdadeira oração tem lugar na vida de Jonas naquele momento.

A partir daí começa a se formar diante de Jonas a certeza do perdão, da reconciliação e do acesso a presença de Deus. A reiterada referência de Jonas ao 'santo templo', mostra o claro entendimento do profeta de que o templo era o lugar, para o povo de Israel, da manifestação da presença de Deus, das cerimônias de expiação de pecados, da intercessão do sumo sacerdote pelo povo, enfim, lugar do reencontro do homem pecador com o seu Deus misericordioso. A pergunta titubeante do final do verso 4, "...tornarei, porventura, a ver o teu santo templo?", se transforma na afirmação do final do verso 7: "...e subiu a ti a minha oração, no teu santo templo". Da perspectiva do fim trágico e sem saída, "...ferrolhos se correram sobre mim, para sempre;" (Jn 2.6a), para a constatação do resgate e libertação, "...fizeste subir da sepultura a minha vida, ó SENHOR, meu Deus!" (Jn 2.6b), conforme também se expressa Davi no Salmo 30.3: "SENHOR, da cova fizeste subir a minha alma; preservaste-me a vida para que não descesse à sepultura". No entanto, como para não nos iludirmos de quanto somos preconceituosos, mesmo em momentos tão arrebatadores, no momento em que Jonas começou a se apropriar da esperança que se concretizava no seu coração não conseguiu evitar que viessem aos seus lábios expressões de crítica (Jn 2.8), provavelmente

aos ninivitas, ou mesmo aos marinheiros que, ironicamente antes mesmo de Jonas, agiram da forma (Jn 1.16), como agora ele promete ao Senhor agir: “...com a voz do agradecimento, eu te oferecerei sacrifício; o que votei pagarei. Ao SENHOR pertence a salvação!” (Jn 2.9).

Era tudo o que Deus queria ouvir de Jonas. Resultado: *“Falou, pois, o SENHOR ao peixe, e este vomitou a Jonas na terra”.* (Jn 2.10)

Quem vive apenas pela razão, se alegra e louva a Deus quando as coisas acontecem. No entanto é prerrogativa peculiar à fé, que é dom de Deus, propiciar essa alegria e adoração em gratidão, antes mesmo de ver as coisas acontecerem, ou até sem vê-las acontecer. Isso nos lembra as palavras de Jesus a Tomé: *“Por que me viste, creste? Bem aventurados os que não viram e creram”.* (Jo 20.29)